

**CURSO DE LETRAS**

Raíssa Scheidt

**A NOVA FACE DE PERSEU**

**Uma leitura de Percy Jackson como herói contemporâneo**

Santa Cruz do Sul

2015

Raíssa Scheidt

**A NOVA FACE DE PERSEU**

**Uma leitura de Percy Jackson como herói contemporâneo**

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul, como tarefa integrante da disciplina de Monografia II.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Rosane Maria Cardoso

Santa Cruz do Sul

2015

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, a Deus, pelo amor, amparo, luz e sabedoria em cada momento. Sem fé, eu nada seria. Obrigada, acima de qualquer coisa, pela vida.

Aos meus pais, por parte de quem nunca faltou incentivo, apoio, carinho, e, claro, muito amor. Por terem me criado no caminho do bem, que nem sempre é o mais fácil, mas é o mais valioso. Pelo incansável auxílio para que eu pudesse realizar meus estudos. Por permear a instabilidade do meu humor com os melhores conselhos já recebidos. Por me ajudarem a não desistir. Farei o possível para orgulhá-los, sempre. Obrigada por tudo.

Aos mestres. Todos. Desde os que me viram escrever meu nome pela primeira vez, até aqueles que me acompanham em minha vida acadêmica, por todo o conhecimento adquirido, que é pessoal e transferível, no melhor sentido da palavra. Vocês transformaram e transformam todos esses anos em belas viagens, as quais sempre me levam de volta ao meu refúgio, que é o universo das Letras.

Um obrigada especial à professora Rosane Cardoso pelo auxílio, confiança e suporte. Por ter incentivado minha aventura por uma temática da qual não me arrependo de ter escolhido, e pelas inúmeras descobertas oportunizadas.

Ao meu namorado, por ter me ajudado, inclusive, com boa parte da bibliografia. Obrigada pelo incentivo e compreensão, mesmo em horas nem tão calmas.

Àqueles que acreditam em mim. Quem se identifica, há de reconhecer. Quem sabe me fazer sorrir. Quem não usa máscaras, só usa sentimentos bons. Quem faz questão de mostrar que está ao lado, sem se colocar à frente ou tentar passar para trás. Ainda que poucos, vocês fazem a diferença.

Por fim, agradeço novamente a Deus, por ter alcançado essa etapa da vida, e por ter a oportunidade de concluí-la da melhor forma possível.

*O mundo está cheio de pessoas que deixaram de ouvir a si mesmas, ou ouviram apenas os outros sobre o que deviam fazer, como deviam se comportar e quais os valores segundo os quais deveriam viver. Se o indivíduo não ouve o próprio coração, corre o risco de um colapso.*

*(CAMPBELL, Joseph. O poder do mito)*

## RESUMO

O termo “herói” possui um significado muito amplo. Existente não apenas na atmosfera literária, herói é, sobretudo, alguém que supera sempre novos limites e proações em benefício de uma causa maior. O intuito deste trabalho é apresentar a análise do arquétipo heroico grego Perseu, estabelecendo comparações com a personagem principal da série *Percy Jackson e os olímpianos*. A obra consiste em adaptações dos principais mitos gregos em um contexto sequencial que visa à identificação com o adolescente atual. Pretendemos, desse modo, relacionar a figura heroica com a metáfora que ela possibilita em relação ao leitor. Por fim, destacamos a importância da literatura de massa, neste caso, para o estímulo à leitura e ao autoconhecimento de seu público-alvo.

**Palavras-chave:** Herói. Mitologia. Perseu. Percy Jackson. Literatura juvenil de massa.

## ABSTRACT

The word “hero” has a very wide meaning. Existing not only in a literary atmosphere, hero is, above all, someone who always exceeds new limits and trials in benefit of a greater reason. The intention of this paper is to present the analysis of Perseus Greek heroic archetype, making comparisons with the *Percy Jackson and the olympians* series’ main character. The literary work consists on adaptations of the primary Greek myths to a sequential context, which aims the identification with the present-day teenager. This way, we intend to relate the heroic figure with the metaphor that it enables in relation to the reader. Finally, we point out the mass literature importance, in this case, to the reading stimulus and to the self-knowledge of his audience.

**Keywords:** Hero. Mythology. Perseus. Percy Jackson. Teen mass literature.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>HERÓI: UMA DEFINIÇÃO ABRANGENTE.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1</b>	<b>O herói mitológico .....</b>	<b>8</b>
<b>2.2</b>	<b>Perseu como modelo de herói .....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>UMA ANTIGA MITOLOGIA EM NOVOS DIAS .....</b>	<b>22</b>
<b>3.1</b>	<b>O herói massificado .....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quando a palavra “herói” é mencionada, imediatamente nos surgem diversas possibilidades de interpretação. Entre tantos que recebem uma nomeação heroica, há algo em comum: uma série de motivos peculiares os levou a receber essa designação. Ainda assim, o conceito da palavra é bastante relativo, mesmo porque há diversas maneiras de se conquistar e atribuir a honra que confere o título de herói. A mitologia grega, com suas versões épicas e trágicas desse tipo de personagem, serve de base para a presente monografia.

É natural que, quando algo se torna um marco de determinada ciência ou período, venha a ser válida a tentativa de manter viva a memória desse feito ou mito. É o que acontece com a mitologia em dias atuais. Eventualmente, as narrativas podem ocasionar a necessidade de repaginações, a fim de que não se percam em meio a novos conceitos literários e históricos. Sob essas condições, o escritor americano Rick Riordan traz, entre outras histórias do imaginário grego, o mito de Perseu, reformulado na série *Percy Jackson e os olímpianos*.

O resultado da nova roupagem das personagens gregas, que se passa em tempo e espaço contemporâneos, foi um alto nível de vendagem. Essa afirmação põe em pauta a massificação, que ocorre a partir do momento em que uma publicação literária entra em voga com o auxílio de um padrão comercial. Contudo, pretendemos levantar argumentos: não seria essa uma forma de conquistar os heróis anônimos que podem, em suas fugas particulares, estar escondidos atrás de *best-sellers*?

A obra retrata adolescentes de descendência divina e humana, deuses, monstros, figuras lendárias, titãs e humanos, sobrevivendo e entrando em conflitos na atualidade. A metáfora com a realidade aliada à pesquisa da origem das figuras que preenchem a obra é o pretexto ideal para que façamos da jornada de Percy Jackson o ponto central de nosso estudo.



## 2 HERÓI: UMA DEFINIÇÃO ABRANGENTE

### 2.1 O herói mitológico

Existe uma ampla base para o desenvolvimento de textos literários de cunho ficcional. Essa base pode variar dentro de quaisquer padrões aos quais uma obra de ficção pode se encaixar. Vem sendo constantemente solidificada, em meio a diversos fatores, transformada, sem permitir a perda do fundamento que confere a cada gênero literário a sua caracterização específica.

Podemos perceber alguns elementos dessa estrutura permanente, e nem por isso imutável, no romance tradicional. Nesse tipo de obra, geralmente a personagem feminina aparece como o lado mais apaixonado, sonhador e, certas vezes, vitimizado da narrativa. O mesmo ocorre no que se relaciona aos livros de autoajuda, que, ao buscar aproximação da literatura convencional, costumam trazer histórias de superação, em um pano de fundo otimista de situações bastante próximas à realidade.

Apresentamos, como destaque dessa mesma exemplificação, o vasto material literário que se originou da Mitologia Grega. Esse conjunto, que antecedeu qualquer estudo a respeito da ficção, veio, mais tarde, a fixar-se à literatura clássica. Composta de inúmeras narrativas, sendo cada qual estruturada por um diferente percurso, contam com um tipo de personagem fundamental: o herói.

Antes de aprofundarmo-nos no foco do capítulo, deixemos claro outro conceito crucial para a compreensão deste primeiro: o do mito. Tal designação engloba, além das narrativas, a sua crença, o seu culto, dentre diversos outros aspectos que vão além de uma perspectiva literária, já que a palavra “mito” adquiriu outros usos e significações ao longo do tempo. Assim expõe Rocha (1996, p. 3):

[O mito] serve para significar muitas coisas, representar várias ideias, ser usado em diversos contextos. Qualquer um pode, sem cerimônia, utilizar a palavra para designar desde o “mito” de Édipo ao “mito” Michael Jackson, passando pelo “mito” da mulher amada ou da eterna juventude.

Sabemos que a sustentação dos mitos, desconsiderando a sua “idade”, é o imaginário. Não é possível saber por quem foram criados, ou onde ocorreu seu estágio inicial, como esclarece Oliveira (2010) baseado em Eliade (2000): “Não houve uma formulação chave que desencadeou a aparição do mito, e sim suscetíveis modificações ocorridas pela oralidade.”

Rocha resume essa possível questão: “o mito não é verdadeiro em seu conteúdo manifesto, literal, exposto, dado. No entanto, possui um valor e, mais que isto, uma eficácia na vida social” (1996, p. 4).

A cada momento em que são novamente narrados e transmitidos, os mitos trazem à tona seus detalhes imutáveis, além das marcas pessoais de quem os apresenta. Brisolara (2014) exemplifica essa afirmação: “Cada receptor capta os traços do [mito do] herói a partir do seu tempo e das suas condições recepcionais.” Esse processo pode ser considerado um dos fatores responsáveis pela transformação dos mitos em patrimônio cultural de cada comunidade que os mantém. A mitologia está em constante adaptação a novos e variados moldes, a fim de que se “ajustem” às gerações contemporâneas e não tenham sua essência dissolvida na passagem do tempo. Rick Riordan, na obra sobre a qual baseamos esse trabalho, traz exemplos conhecidos de cultura dos mitos gregos em uma nova roupagem. Dessa forma, ocorre a fusão do que é considerado “histórico”<sup>1</sup> a um contexto que promove a identificação com o adolescente atual. Abordaremos esse tópico nos próximos capítulos.

Apesar das particularidades que possam formar a identidade de cada mito, existem traços que se apresentam como uma espécie de padronização do herói mitológico, não somente no que se refere à mitologia grega. Em outras palavras, podemos afirmar que a figura heroica em geral possui certa cronologia de fatos em sua trajetória. Somente varia, nessa sequência, a caracterização dos feitos de cada herói, responsável pela distinção dos mesmos em seu contexto. Isso está diretamente relacionado ao “tipo” da personagem, que torna cada mito heroico um símbolo de determinada faceta. Brandão resume a estrutura básica da vida de um herói grego:

Embora o herói possua uma descendência privilegiada e sobre-humana (sic), se bem que marcada pelo signo da ilegalidade, sua carreira, por isso mesmo, desde o início, é ameaçada por situações críticas. Assim, após alcançar o vértice do triunfo com a superação de provas extraordinárias, após [...] conquistas memoráveis, em razão mesmo de suas imperfeições congênitas e descomedimentos, o herói está condenado ao fracasso e a um fim trágico. (1998, p. 19).

O cenário mitológico grego conta com extensa hierarquia de personagens do gênero, onde é válido destacar suas variadas origens. Entretanto, alguns estudiosos do tema apresentam versões distintas, ou mesmo resumidas a respeito dessas descendências. Rank (apud BRANDÃO, 1998, p. 20) assegura que “o herói descende de ancestrais famosos ou de pais da mais alta nobreza.” Assim, podemos considerar, no mesmo plano, os descendentes

---

<sup>1</sup> Cf. ROCHA, 1996.

diretos de deuses, visto que estes são posicionados ainda muito acima da nobreza, mesmo pertencendo à mesma raça do homem<sup>2</sup>. Conforme supracitado, um herói tende às complicações desde o seu nascimento e muito disso se deve ao fato de ser produto de uma relação geralmente ilícita entre deuses e humanos.

Por essa mesma razão, o apogeu do herói demora a consagrar-se, e não é permanente. Rank (apud BRANDÃO, 1998, p. 21) compara, inclusive, as primeiras etapas da trajetória desse modelo de personagem com a chamada novela familiar: “a neurose infantil ‘estancada’, a luta do menino contra o pai e suas tentativas de libertar-se de seus genitores.” Há, novamente, certa relação com uma jovem geração que vem recuperando o interesse pela mitologia, por meio das constantes renovações de sua apresentação.

O herói precisa ser instruído para que obtenha o merecimento de seu título. Geralmente, essa educação se dá pelo preparo relacionado às suas habilidades predefinidas, e, posteriormente, ao sucesso ou fracasso nas crescentes missões que lhe são atribuídas. Essa etapa é mencionada por Brandão (1998, p. 23) como “formação iniciática”<sup>3</sup>, também chamada de “jornada iniciática” (OLIVEIRA, 2010), e é posterior à desvinculação paternal. Há uma definição simples da trajetória, correspondente somente a esse clímax, e não ao percurso do personagem, como um todo. Trata-se da “separação-iniciação-retorno” (CAMPBELL, 1997). O “retorno” consiste na comprovação das conquistas ao núcleo familiar, a fim de reafirmar sua honra. Campbell retoma brevemente esse período, que consiste nos riscos corridos a fim de que o herói mereça sua nomeação:

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (1997, p. 18).

*Timé* e *areté*, que correspondem respectivamente à honra e à excelência, são as características que diferem o herói do humano comum. Esta última tem uma relação bastante notável com a *hýbris*, que, segundo Leite “vem a ser este processo de transgressão dos limites do homem [...] de que resulta uma perigosa proximidade entre o deus e o homem, e que muitas vezes - nem sempre - atrai a cólera divina” (2009, p. 2). Desse modo, podemos concluir que *areté* + *hýbris* formam o conjunto que determina onde, psicologicamente, se

---

<sup>2</sup> Cf. BRISOLARA, 2014.

<sup>3</sup> O centauro Quíron (Quirão em Portugal), foi quem teve uma das mais expressivas participações nessa etapa de diversos heróis gregos em sua juventude. “Ministrava igualmente a seus discípulos conhecimentos relativos à caça, cinegética, equitação, hípica, bem como lhes ensinava a tanger a lira e o arremesso do dardo” (Cf. BRANDÃO, 1998). Quíron aparece nesse mesmo papel dentro da adaptação *Percy Jackson e os olímpianos*.

encontra um herói. A “cólera” refere-se, inclusive, ao caráter negligente de alguns deuses no que se relaciona aos seus descendentes, que, conseqüentemente, vêm a se tornar heróis. Há exemplos de efeitos da *hýbris* mesmo nas adaptações modernas da mitologia, como veremos na saga *Percy Jackson e os olímpianos*. Luke, reconhecido como filho de Hermes<sup>4</sup>, sente-se plenamente rejeitado por seu progenitor. Assim, torna-se vulnerável ao discurso, e mesmo ao espírito do titã Cronos, que passa a usar seu corpo e mente para declarar guerra ao Olimpo. Com o próprio Percy Jackson, que descende da união de Poseidon, deus dos mares, com uma humana, o efeito negativo da *hýbris* é novamente retratado: o garoto carrega sentimentos de dúvida, e mesmo certa angústia, por conta dos raríssimos e bastante confusos sinais que recebe de e sobre seu pai.

Ambas as personagens supracitadas nos remetem aos dois principais tipos de herói que podem ser identificados na mitologia, não somente grega. Trata-se do **épico** e do **trágico**. A base da trajetória de ambos é similar, enquanto a oposição se encontra na maneira como os acontecimentos sucedem a cada um, para que possam ser denominados heróis. As narrativas por eles protagonizadas chamam-se, respectivamente, **epopeia** e **tragédia**. Todavia, Kothe destaca a importância da interligação entre ambas, ou, ao menos, entre o significado de suas principais personagens: “Não há grande obra de arte que não una os contrários. O herói trágico é um carvalho em que caem os decisivos raios do destino; o herói épico é o grande pinheiro indicador dos caminhos da história” (1987, p. 14).

Sabemos que heróis são assim chamados por, sobretudo, triunfarem após a conclusão de determinado percurso ao qual são postos à prova. O herói épico, no entanto, traz a confirmação de que nem só pela totalidade de virtudes se alcança a glória. Além disso, não sofre derrotas mais brandas que as do herói trágico. A diferença está em sua reação às mesmas, como novamente explica Kothe:

A narrativa épica clássica, adotando o ponto de vista do herói, trata de metamorfosear a negatividade em positividade, e o herói épico tem, por isso, um percurso fundamentalmente mais elevado do que o herói trágico. (1987, p. 12).

Já o protagonista da tragédia é tido como o centro do desastre no qual ele próprio está inserido. Nesse ponto podemos novamente destacar o papel da *hýbris*, o que torna mais claro o modelo de herói que comumente aparece nas narrativas gregas, tanto originais quanto adaptadas. Kothe descreve o herói trágico com base nesse conceito, anteriormente abordado.

---

<sup>4</sup> “Deus rústico e popular a quem os humanos consideram um verdadeiro amigo divino. [...] É venerado como deus da palestra e do estádio; como deus dos viajantes, [...] como deus da eloquência, dos comerciantes e dos ladrões” (MARTÍNEZ et al., 1997, p. 189).

Todo herói grego é um híbrido, um semideus, [...] produto de uma *hýbris*, uma desmedida, uma violação da medida, da ordem natural das coisas: ele é sempre o produto, mais ou menos remoto, do acasalamento entre um ser humano e uma divindade. [...] Isso caracteriza os seres superiores, os heróis e aristocratas, mas é também a desgraça, a origem da desgraça do herói. (1987, p. 25, grifo do autor).

Assim, concluímos que o parentesco divino não é garantia de imunidade diante das ameaças, sejam estas mundanas ou não. Ainda que, na maioria das vezes, receba a proteção genitora, esta não se mostra próxima e integral. Em compensação, há outras entidades, de diferentes procedências, que, de uma forma ou de outra, auxiliam o herói em suas missões, como esclarece Brandão:

Em muitos dos relatos míticos heroicos, a primitiva fraqueza da personagem é compensada com a ajuda, sob forma hierofânica, de figuras tutelares ou guardiãs, que o assistem na realização de tarefas que o herói jamais poderia executar sozinho. (1998, p. 70).

Sendo a palavra “hierofania” correspondente à manifestação divina, esse contato do herói com fontes de auxílio superior não se dá de forma concreta. A comunicação ocorre por meio de aparições em sonhos, pensamentos, personificações e profecias, geralmente transmitidas por oráculos. Determinados heróis têm, inclusive, partes de suas sagas premeditadas dessa maneira, como podemos observar na história de Perseu. Antes mesmo do nascimento do filho da humana Dânae com Zeus, o principal dos deuses<sup>5</sup>, o avô Acrísio já recebera a mensagem do oráculo a respeito do neto: o jovem seria o causador de sua morte. Essas previsões eram totalmente fidedignas. Uma vez transmitida a mensagem, era vã qualquer tentativa de contrariar seu cumprimento, ainda que houvesse intenção expressa nesse sentido. O fato de não possuir qualquer escapatória em relação às atrocidades de seu destino, também aproxima grande parte dos heróis gregos do caráter trágico.

Como sugere Kothe ao diferir trágico de épico, “não se tem apenas o percurso da superioridade de um herói elevado, mas se tem o desvelamento de sua queda e a descoberta de sua maior grandeza na queda” (1987, p. 25). Com isso, encontramos uma das interligações com o **arquétipo** do herói. Segundo Holanda (2012, p. 167-168), essa palavra remete a “padrão, exemplar, modelo, protótipo” ou ainda “modelo de seres criados.” O efeito, ou intenção da personagem arquetípica, seja ela de qualquer natureza, é utilizar suas

---

<sup>5</sup> Mesmo formando tríade com Poseidon, deus dos mares, e Hades, deus da morte, Zeus “pertence à geração dos Olímpicos, a que preside, com o título de ‘pai dos deuses’”, e “é quem comanda o universo, entendido como um todo harmonioso que inclui as relações entre os homens e os deuses” (Cf. MARTÍNEZ et al., p. 348).

características para promover uma relação com a realidade além da narrativa onde se encontra. Assim pondera Brandão, na tentativa de colocar o arquétipo como um ponto de padronização da personagem heroica:

Não seria mais simples dizer que o herói, seja ele de procedência mítica ou histórica, seja ele de ontem ou de hoje, é simplesmente um *arquétipo*, que ‘nasceu’ para suprir muitas de nossas deficiências psíquicas? [...] Todos os heróis, descontados fatores locais, sociais e culturais, têm um mesmo perfil e se encaixam num modelo exemplar. (1998, p. 20, grifo do autor).

Onde lemos sobre “fatores locais, sociais e culturais”, consideramos, ainda que de longe, a posição do herói na chamada religiosidade grega, onde a mitologia se insere. Sabemos que o contexto dessa mesma opõe-se, de certo modo, aos modelos religiosos atuais, sejam eles vinculados a qualquer crença. Todavia, Eliade (apud BRANDÃO, 1998, p. 19) acrescenta, no que se relaciona à temporalidade do herói grego:

A sua atividade se desenrola depois do aparecimento dos homens, mas num período de ‘começos’, quando as estruturas não estavam devidamente fixadas e as normas ainda não tinham sido suficientemente estabelecidas.

É própria do herói a presença de uma ou mais anomalias, podendo ser de cunho físico ou psicológico. Contudo, suas falhas em certos aspectos são compensadas por outras habilidades excepcionais, as quais não aparecem com a mesma intensidade em homens comuns. Brandão arrola essas capacidades: “o herói está ligado [...] à *luta*, muitas vezes [...] reduzida ao que se denomina *trabalhos*; à *agonística*<sup>6</sup>; à *mântica*<sup>7</sup>; à *iátrica*<sup>8</sup> e aos *mistérios*” (1998, p. 41). Esta última corresponde já à antecedência do herói à sua morte, como o mesmo autor novamente coloca:

O herói é uma personagem especial, que sempre deve estar preparado para a luta, para o sofrimento, para a solidão e até mesmo para as perigosas catábases à outra vida. [...] A iniciação nos mistérios parece predispor-lo para a última aventura, para a verdadeira agonia, a morte, que, na realidade, o transformará no verdadeiro protetor de sua cidade e de seus concidadãos. (BRANDÃO, 1998, p. 51).

---

<sup>6</sup> É quase como uma característica de atleta. “A agonística é como que um prolongamento das lutas dos heróis. [...] A essas disputas atléticas, dedicadas inteiramente aos heróis, somam-se as consagradas a algumas divindades.” Os jogos olímpicos, em seus primórdios, eram realizados como forma de culto agonístico.

<sup>7</sup> “Em grego *mantiké*, de *mántis*, [significa] adivinho, profeta ou profetisa, é a arte de prever o futuro.”

<sup>8</sup> “O herói também é médico, e tal é a conexão entre mântica e iátrica, que é impossível separar os dois tópicos. Iátrica, em grego *iatriké*, de *iatrós*, [que significa] médico, é a arte de curar.”

Em contrapartida, o desencaixe a um padrão de aparência física é bastante presente na caracterização do herói, além de distúrbios comportamentais que podem vir a afetá-lo. Essa fusão de características dignas de honra e – nos tempos remotos aos quais são atribuídas as narrativas heroicas – de horror, não deixam de ser resultados da mesma *hybris* que acompanha a personagem. Brandão acrescenta outra listagem, dessa vez relacionada aos “caracteres monstruosos”<sup>9</sup> do herói:

Um herói aparece [...] com muita frequência sob forma anormalmente gigantesca ou como baixinho; pode ter um aspecto teriomorfo e andrógino; apresentar-se como fálico; sexualmente anormal e impotente; pode ser aleijado, caolho ou cego; estar sujeito à violência sanguinária, à loucura, ao arдил e astúcia criminosa, ao furto, ao sacrilégio, ao adultério, ao incesto e, em resumo, a uma contínua transgressão do *métron*. (1998, p. 53, grifo do autor).

No texto que temos como base para o presente trabalho, as personagens de Percy e Annabeth, que protagonizam a saga, bem como os demais jovens semideuses, não possuem aparência anormal. Entretanto, o “defeito” proporcionado por sua descendência é o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), que traz a dislexia como consequência. Não havendo exceções, o problema ocorre, com brandas variações, para todas as crianças – futuros heróis – que se originam da união de deuses com humanos.

Tendo uma vez relacionados alguns dos principais aspectos que definem o caráter heroico de uma personagem, Campbell o define em poucas palavras: “Esse é o motivo básico do périplo universal do herói – ele abandona determinada condição e encontra a fonte da vida, que o conduz a uma condição mais rica e madura” (1990, p. 132). Quando seguimos à risca o ciclo do herói, notamos que a verdadeira consagração vem com a morte, quando o mesmo passa a ser cultuado pelo que fez em prol de seu povo. No entanto, esse estágio do ciclo não aparece na trama juvenil à qual apoiamos nosso estudo. Posto que as cinco partes da obra narram a jornada de Percy Jackson rumo à sua glória heroica, consideramos também a pouca idade do protagonista, que, no desfecho da trajetória, completa dezesseis anos.

O mesmo autor citado finalmente assemelha os heróis mitológicos a todos os leitores, admiradores e curiosos, das mais variadas faixas etárias, que os desvendam por meio da literatura: “Quando deixamos de pensar prioritariamente em nós mesmos e em nossa autopreservação, passamos por uma transformação de consciência verdadeiramente heroica, e todos os mitos lidam justamente com a transformação da consciência” (1990, p. 134).

---

<sup>9</sup> Cf. BRANDÃO, 1998.

## 2.2 Perseu como modelo de herói

Rick Riordan envolve os jovens personagens que apresenta em *Percy Jackson e os olímpianos* à mitologia grega por ele remontada. A adaptação não compreende somente aos detalhes imprescindíveis, que facilitam o acesso do leitor a novos conhecimentos. Em maior análise, tanto da obra escolhida quanto de teorias aplicáveis a ela, podemos enfatizar a fidelidade do autor aos modelos mitológicos. Tendo em vista grande parte das características arquetípicas do herói grego, tomamos como ponto principal de inspiração a história de Perseu.

O herói afamado por destruir Medusa concedeu a Riordan o fundamento para a elaboração do contemporâneo Percy Jackson, principalmente naquilo que nos é apresentado em *O ladrão de raios*. O primeiro volume da saga funciona, basicamente, como ficha de identidade do protagonista. Assim, temos uma interessante justificativa para a retomada dos caracteres que nos remetem ao ciclo de vida heroico.

Perseu foi uma das provas da notável fecundidade de Zeus, o deus supremo do Olimpo. A divindade das tempestades possuía, dentre outros, o poder de transformação em qualquer elemento ou fenômeno, sem que se perdesse sua capacidade de gerar filhos. Brandão, ao comentar o mesmo mito, destaca a ausência de obstáculos frente ao poder divino:

Temendo que o oráculo se cumprisse, Acrísio<sup>10</sup> mandou construir uma câmara de bronze subterrânea e lá encerrou a filha, em companhia da ama. Zeus, todavia, o fecundador por excelência, penetrou na inviolável câmara de Dânae por uma fenda nela existente e, sob a forma de *chuva de ouro*, engravidou a princesa, que se tornou mãe de Perseu. (1998, p. 76, grifo do autor).

Dânae fora vítima de tão rígido bloqueio por conta de uma profecia recebida por seu pai Acrísio. O oráculo afirmava que o neto do rei seria responsável por sua morte. Entretanto, a fecundação por parte de um deus já prova o que colocamos no capítulo anterior: não há possibilidade de se contrariar profecias.

A origem ficcional de Percy Jackson apresenta preceitos semelhantes aos mencionados. Nas circunstâncias atuais recriadas por Riordan, os deuses olímpianos são capazes de tomar forma humana, de modo que pessoas comuns não percebam seu disfarce. As dezenas de adolescentes problemáticos que compõem o rol de alunos do Acampamento Meio-Sangue nada mais são do que os resultados dessas transfigurações. Sally Jackson, seduzida pelo homem mundano em quem Poseidon pode se transformar, dá à luz Percy. Nasce, assim, um semideus, tal qual sabemos a respeito de Perseu.

---

<sup>10</sup> Filho de Abante, rei de Argos e de Aglaia (Cf. MARTÍNEZ et al., 1997, p. 25).



A predestinação heroica do filho de Dânae é, também, relacionada ao período mitológico onde ocorreu seu desenvolvimento. Eliade, citado por Brandão (1998, p. 19, grifo do autor), define:

Utilizando uma fórmula sumária, poderíamos dizer que os heróis gregos compartilham de uma modalidade existencial *sui generis* – sobre-humana [sic], mas não divina – e atuam numa época primordial, precisamente aquela que acompanha a cosmogonia e o triunfo de Zeus.

Percy Jackson, ao contrário, recebe temporalidade unicamente contemporânea. Tanto que, inicialmente, temos a apresentação de um garoto de doze anos, aparentemente desprovido de qualquer relação com o sobrenatural, que causa transtorno nos educandários que frequenta. No âmbito escolar, os mitos gregos geralmente constam como objetos de estudo. De início, o menino não considera a possibilidade de estar inserido nesse universo:

Na noite anterior ao meu exame final, fiquei tão frustrado que joguei o *Guia Cambridge de mitologia grega* do outro lado do dormitório. As palavras tinham começado a flutuar para fora da página, dando voltas na minha cabeça, as letras fazendo manobras radicais como e estivessem andando de skate. Não havia jeito de eu me lembrar da diferença entre Quíron e Caronte, ou Polidectes e Polideuces. (RIORDAN, 2009, p. 26, grifo do autor).

Já no que se refere a Perseu, podemos utilizar o nome do citado Polidectes para anteceder seu clímax heroico. Segundo Martínez (1997, p. 288) “reinava em Sérifos (ou Serifo), ilha onde aportou o cofre em que estavam encerrados Dânae e Perseu.” Havia sido Díctis, irmão do primeiro, o responsável pelo recolhimento e sustento de mãe e filho. Polidectes, famoso por sua tirania, nutre sentimentos secretos por Dânae. O rei, inclusive, se vê frustrado em sua tentativa de forçar casamento com a genitora de Perseu, diante da excessiva proteção por parte do herói em ascensão. Brandão (1998, p. 76) ressalta que, apesar dos confusos desejos do governante de Serifo, “o jovem príncipe mantinha guarda cerrada em torno da mãe e o rei não queria ou não ousava apossar-se dela por violência.”

A respeito da razão que possa ter levado Perseu a sacrificar Medusa, encontramos versões distintas, ainda que originárias do mesmo fato. Martínez aponta que, ciente da impossibilidade vinculada à relação com Dânae, Polidectes anunciara outra pretendente:

[Polidectes] reuniu todos os seus amigos, incluindo Perseu, e comunicou-lhes que ia apresentar-se como pretendente à mão de Hipodamia, a filha de Enómao, pedindo-lhes que todos o ajudassem a reunir os presentes. Todos trouxeram um cavalo, mas Perseu, humilhado porque não tinha nada para oferecer, comprometeu-se a trazer-lhe a cabeça da górgona Medusa. (1997, p. 282).

Entretanto, a versão de Brandão não torna clara a interferência de outra mulher. Tratava-se apenas de um jantar nas dependências do rei, a fim de que os convidados tornassem públicos os regalos que o concederiam. Nesse caso, ele persistia em sua paixão insana pela mulher que ainda fazia morada na ilha, já irado com a barreira que Perseu representava:

[...] Todos responderam que um cavalo era o único presente digno de um rei. Perseu, no entanto, respondeu que se Polidectes o desejasse, ele lhe traria a cabeça de Medusa. Na manhã seguinte, todos os príncipes ofereceram um cavalo ao tirano, menos o filho de Dânae, que nada ofertou. O rei, que há muito suspirava por Dânae e, vendo em Perseu um obstáculo, ordenou-lhe que fosse buscar a cabeça da górgona, sem o que ele lhe violentaria a mãe. (1998, p. 76-77).

Na obra juvenil de Riordan, o futuro herói, que mal se divide entre a puerilidade e a descoberta dos sinais adultos, demonstra, tal como no modelo de Perseu, repetidamente a preocupação que nutre por sua mãe. Ainda que muito jovem, o garoto está consciente de boa parte das frustrações pessoais e inseguranças de parte materna. Além de perceber a fragilidade da mãe em seus comentários vagos sobre o pai, Percy tenta defendê-la da rudeza e dos maus hábitos de Gabe Ugliano. Assim, o grosseiro padrasto ocuparia, hipoteticamente, o papel do tirano.

Ainda que existam diferentes hipóteses a respeito do motivo que o levou a fazê-lo, a destruição de Medusa é um dos pontos altos da vida de Perseu. Como explicado no primeiro capítulo, um herói não conquista sua honra somente por instinto e mérito próprio, visto que o efeito da *hýbris* poderia facilmente desequilibrar seu psicológico. Há que se considerar que o heroísmo do jovem está, também, relacionado à sua paternidade divina. A descendência de Zeus, ainda que relacionado com uma humana, concede a Perseu, por excelência, o caráter heroico.

Dada uma missão, o apoio de diferentes divindades é um dos fundamentos do êxito de um herói. Brandão justifica essa espécie de bênção: “Para evitar ou ao menos reprimir os ‘desmandos heroicos’ e sobretudo para dar-lhe respaldo na execução de tarefas impossíveis, todo herói conta com o auxílio divino” (1998, p. 81).

Ao início de sua trajetória, Perseu recebe ajuda de Hermes e de Atena. O primeiro, em seu posto de olimpiano amigo, protetor e notável inventor<sup>11</sup>, além de “deus que não se perde na noite e no caminho” (BRANDÃO, 1998, p. 81), concedeu ao seu protegido um par de

<sup>11</sup> Cf. MARTÍNEZ et al., 1997, p. 189.

calçados que o tornava apto a voar. A narrativa estabelecida por Martínez (1997, p. 282) ainda acrescenta: “Hermes facultou-lhe uma foice de aço para cortar a cabeça do monstro.” Já Atena, deusa da sabedoria e da guerra, concedeu o escudo espelhado, feito de bronze, o qual seria refletor da imagem da górgona. Sabemos que o jovem herói recebeu, além do instrumento, incentivo por parte da deusa. Era odioso qualquer tipo de relação entre ela e as górgonas, especialmente a maldosa Medusa. Outrora dona de bela aparência, transformou-se em criatura monstruosa devido às tentativas de comparação aos traços de Atena. Narrativas mais recentes<sup>12</sup> podem apontar relações de Medusa com Poseidon, no interior de um templo dedicado à deusa, servindo de razão para que a maldição fosse aplicada.

Ao detalhar o principal feito de Perseu, podemos utilizar como base o que diz Campbell (1990, p. 135): “chamar alguém de herói ou monstro depende de onde se localize o foco de sua consciência.” A cabeça da mulher de cabelos de serpente nada mais foi do que uma comprovação das capacidades da personagem heroica. Tanto que aquele rosto continua a ser seu trunfo diante de outras ameaças, enfrentadas durante situações que em pouco se assemelham. Em suas aventuras seguintes, é como se Perseu já carregasse consigo a autoafirmação de um herói. Por outro lado, a inveja, que faz parte do caráter de Medusa, fê-la terrível, e prejudicial ao humano que a mirasse fixamente, sob pena de ser petrificado. Consideremos válida a possibilidade metafórica da personagem com o próprio sentimento de inveja, uma vez que a mesma o nutria por Atena. A intenção da pessoa que possui tal característica é, ainda que inconscientemente, paralisar – que pode ser entendido como “frustrar” – qualquer ação da parte de seu alvo.

As diversas versões desse clímax do mito podem variar, sempre mantendo comum a destruição do monstro. Brandão destaca a presença de outros dois seres tidos como górgonas, no que antecede a ação de Perseu.

O herói dirigiu-se imediatamente para o esconderijo das Górgonas, tendo-as encontrado em sono profundo. Eram três as impropriamente denominadas Górgonas, uma vez que só a primeira, *Medusa*, é, de fato, górgona. [...] Esses três monstros tinham a cabeça aureolada de serpentes venenosas, presas de javali, mãos de bronze e asas de ouro, e petrificavam a quem as olhasse. (1998, p. 82).

Notamos, finalmente, que o ato de petrificar é característica comum da dita “espécie”. Em grande parte das narrativas do mesmo mito, Perseu flagra a criatura enquanto a mesma se encontra em repouso. Bulfinch (2006, p. 122) relata como se ela vivesse solitária em seu refúgio, acompanhada somente daqueles que já haviam tentado capturá-la, ou que, ingênuos,

---

<sup>12</sup> Ibidem, p. 164.

puseram-se a fitá-la: “em torno da caverna onde ela vivia, viam-se as figuras petrificadas de homens e de animais que tinham ousado contemplá-la.” Martínez (1997, p. 282) atribui o “país dos Hiperbóreos” como local específico de paradeiro da legítima górgona.

Além dos presentes divinos, o sono da Medusa auxiliou o herói em sua missão. Mirando-a por meio da superfície espelhada do escudo que recebera, Perseu decepara-lhe a cabeça. Em razão simbólica do cumprimento de sua tarefa, o desagradável rosto foi acoplado à parte frontal do escudo auxiliar. Dessa forma, o poder petrificador havia sido empossado pelo filho de Dânae.

Em contrapartida, o autor da saga de Percy Jackson, a fim de atrair a atenção de seus leitores, adapta o episódio a um ponto de vista juvenil. Ao décimo-primeiro capítulo de *O ladrão de raios*, o pré-adolescente que protagoniza a série começa a dar seus precoces sinais de heroísmo. Diferentemente do mito original, em que Perseu não conta com qualquer presença física auxiliar, o garoto tem a companhia de Grover, o sátiro<sup>13</sup>, e Annabeth, filha de Atena, em sua visita ao *Empório de anões de jardim da tia Eme*. O cenário representa o esconderijo de Medusa, e é cuidadosamente detalhado, a fim de elaborar uma descrição bastante fiel ao pensamento infantil.

Não era um restaurante de fast-food como eu esperava. Era uma dessas estranhas lojas de curiosidades de beira de estrada, que vendem flamingos de jardim, índios de madeira, ursos-pardos de cimento e coisas do gênero. A construção principal era um armazém comprido e baixo, cercado por quilômetros de estátuas. [...] O terreno da frente era uma floresta de estátuas: animais de cimento, crianças de cimento, até um sátiro de cimento tocando flauta, o que deixou Grover arrepiado. (RIORDAN, 2009, p. 179-180).

Na adaptação de Riordan, Medusa não está adormecida. Aparece na figura de uma mulher envelhecida, de pele morena, cuja cabeça e corpo estão cobertos por panos longos. Inicialmente, mostra-se compadecida do trio de crianças, que perambula já em um período tardio do dia por suas redondezas. Atraídos pelo cheiro de comida, os campistas *Meio-sangue* aceitam o convite para adentrar ao estabelecimento. Medusa somente dá indícios de sua verdadeira forma ao descobrir a descendência de Annabeth.

A principal transfiguração se dá, porém, no momento em que o monstro solicita ao grupo que pose para uma fotografia, na tentativa de fazê-los mirar a sua figura, para que sejam transformados em estátuas. Grover percebe o disfarce de Medusa antes mesmo de Percy, que é quem incorpora a ação de Perseu. A personagem não possui, também, o escudo

---

<sup>13</sup> “Divindades dos bosques e das montanhas, são manifestações de um primitivo culto da natureza. [...] São metade homens, metade bodes” (Cf. MARTÍNEZ et al., 1997, p. 308).

refletor de Atena. Seu instrumento de defesa passa a ser uma esfera vitrificada que servia como adorno de jardim. A partir do momento em que se depara com o ser monstruoso refletido no vidro, o adolescente se recorda das aulas de mitologia que recebia na escola.

Tia Eme. Tia ‘M’. Como pude ser tão estúpido? Pense, disse a mim mesmo. Como foi que a medusa morreu no mito? Mas eu não conseguia pensar. Algo me dizia que a Medusa do mito estava dormindo quando foi atacada por meu xará, Perseu. Agora, não estava nem um pouco sonolenta. Se quisesse, poderia usar aquelas garras ali mesmo e rasgar meu rosto.<sup>14</sup>

Medusa deseja torturar somente a filha de Atena, buscando fazer com que o sátiro e o filho de Poseidon passem a fazer parte de sua coleção de criaturas cimentadas. Sempre carregando o objeto que lhe servia de espelho, Percy se sente tentado a olhar diretamente para a górgona. Nessa hora, seus amigos, indiretamente, encaixam-se ao “auxílio divino” mencionado anteriormente por Brandão, visto que descendem de outras entidades poderosas.

De cima do urso-pardo de cimento, Grover gemeu:

– Percy, não lhe dê ouvidos!

A Medusa gargalhou.

– Tarde demais!

Ela se lançou até mim com suas garras. Dei um golpe com a espada, ouvi um plof! nauseante, e então um chiado como o de vento escapando de uma caverna – o som de um monstro se desintegrando.<sup>15</sup>

Ao contrário da foice que Perseu recebeu de Hermes, Percy possui *Contracorrente*. A caneta se converte em espada e, ainda que extraviada, retorna sempre novamente ao menino. A arma é apresentada como um presente de seu professor de mitologia, chamado inicialmente de Sr. Brunner. Quando ingressa ao Acampamento Meio-Sangue, lá está o mestre sob a forma de Quíron. O centauro possui, no texto de Riordan, a mesma função com a qual é descrito nas raízes gregas: a instrução e treinamento de heróis<sup>16</sup>. Na jornada iniciática de Perseu, no entanto, esta personagem não tem participação.

Em seguida da realização de seu primeiro ato de heroísmo, Perseu, já com a face de Medusa a condecorar o escudo que carregava, partiu, segundo Martínez (1997, p. 282) “rumo ao país dos Etíopes.” Já Bulfinch (2006, p. 122) afirma que, usando as sandálias aladas de Hermes, Perseu “atingiu o limite ocidental da Terra, onde o sol se põe. [...] Era o reino de Atlas.” Essa parte da trajetória faz referência ao Jardim das Hespérides. Temeroso de que o

<sup>14</sup> Ibidem, p. 187-188.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 191, grifo do autor.

<sup>16</sup> A mitologia original aponta Peleu, Aquiles, Jasão, Actéon, Nestor, Céfalos e outros catorze heróis como receptores dos ensinamentos de Quíron (Cf. BRANDÃO, 1998, p. 26).

herói lhe roubaria os pomos de ouro, o gigante o trata com aspereza, sendo, de imediato, petrificado pela cabeça de Medusa. Essa fração do mito aparece recontada no terceiro livro da saga de Riordan, *A maldição do titã* (2009). Naquela, porém, o gigante é derrotado de forma diferente, uma vez que o destaque do capítulo está para o titã Cronos.

Ao terceiro ato de Perseu, referente à libertação e união à princesa Andrômeda, são colocadas, outra vez, versões que se diferem entre si. A mais comum aponta a prisão da jovem, a ser devorada por um monstro, como vingança de algumas deusas à excessiva vaidade da rainha Cassiopéia. O herói prometeu libertá-la, e assim o fez, aguardando pelo momento em que se casaria com a moça. Entretanto, já estando a futura esposa prometida a Fineu (ou Frineu), seu tio, Perseu novamente utilizou-se de seu trunfo inicial. O rosto da górgona não transformou em pedra somente o familiar de Andrômeda, como também os seus comparsas.

Brandão atribui grande importância à núpcia como fechamento do auge heroico, ou mesmo do rito necessário ao herói para que ele possa ser assim chamado. Ao expor sua versão, o autor destaca que “Perseu está completando o mandala, fechando o uróboro com a *separação-iniciação-retorno*” (1998, p. 83, grifo do autor). Mais adiante, fala a respeito do casamento como parte do *hieròs gámos*, que nada mais é do que o principal acréscimo à virtude do herói, agora provando que ele, por meio da conclusão de um ciclo, o é. O estudioso conclui que “uma coisa é certa: o casamento, o *hieròs gámos*, está estreitamente ligado ao reino.”<sup>17</sup> A história de Percy Jackson não conta com essa etapa final. Somente em *O último olimpiano* (2010), volume que finaliza a trajetória dos *Meio-sangues* para reiniciá-la em outra saga, é que Percy e Annabeth declaram-se namorados. Isso ocorreu ao final de cinco anos de estreita convivência com a descendente de Atena.

Consideremos válido observar que, mesmo inspiradas em narrativas heroicas, as tramas de Riordan são sobretudo fantásticas. São inúmeros os elementos que transformam o texto em intertexto com o mito grego. Dessa forma, a contextualização ao público-alvo se torna um meio de acesso, despertando a curiosidade pelas raízes mitológicas. Segundo Rodrigues (1988, p. 25), “a intertextualidade tende a abolir as fronteiras da autoria e a adjudicar ao leitor parte fundamental da autoria do texto.” É nisso que consiste a remodelação de Perseu por Percy em *O ladrão de raios*. A reinvenção da mitologia é uma eficaz alternativa para que as jovens gerações não a percam.

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 86.

### 3 UMA ANTIGA MITOLOGIA EM NOVOS DIAS

A saga *Percy Jackson e os olímpianos* apresenta a mitologia grega, não se permitindo permear pela fidelidade à narrativa convencional dos mitos. O autor opta pelo fantástico em grande parte das características da obra estudada, utilizando-se, inclusive, de uma linguagem bastante informal. Em cada detalhe que compõe a série, percebemos o intuito de Riordan de tornar seus escritos atrativos ao público adolescente. Isso compreende, também, parte do desafio que é construir de uma nova geração leitora. É preciso mostrar novos mundos ao jovem por meio da literatura, e isso deve ocorrer de modo que facilite sua compreensão. Temos assim uma possível justificativa para o uso de uma ferramenta linguística muito comum em diversas publicações do mesmo autor: a intertextualidade.

A sequência de livros é composta por cinco volumes, nomeados *O ladrão de raios*, *O mar de monstros*, *A maldição do titã*, *A batalha do labirinto* e *O último olímpiano*. Neles são narrados quatro anos da história de Percy Jackson. Desde quando é capaz de recordar acontecimentos passados, o garoto, inicialmente com doze anos de idade, tem plena consciência a respeito da ausência de normalidade em sua vida. Os desastres que provoca em cada instituição de ensino onde ingressa, somados à dislexia e ao transtorno de déficit de atenção, acarretam a transferência a outro educandário ao final de cada ano letivo. Sabemos, ainda, que um dos maiores anseios de Percy é conhecer suas origens paternas, visto que sempre viveu somente na companhia da mãe, e esta não prioriza a discussão do assunto. Assim, temos o início da trajetória do protagonista.

O lançamento da série trouxe à tona um grande volume de discussões a respeito dos transtornos da personagem principal, bem como de outras que aparecem na trama. Em entrevistas, Riordan afirma ter encontrado inspiração no próprio filho, Haley, a partir do diagnóstico desses mesmos problemas. Um dos princípios da criação da personagem de Percy é amenizar, por meio dos mitos gregos, as sensações que se desencadearam no menino, e mesmo no pai, durante a sucessão de descobertas acarretadas pelas doenças. Wielewicki e Tadano Filho trazem um breve resumo das primeiras iniciativas do escritor e professor americano para que a obra começasse a tomar forma:

A única coisa na escola que parecia atrair a atenção de Haley era mitologia grega. Como já tinha anos de experiência ensinando o tema, Riordan passou a contar mitos gregos ao filho toda noite, até que, eventualmente, viu-se tendo de admitir que já contara a ele todos os que conhecia. A reação do garoto, simples e imediata, foi pedir que ele inventasse uma nova história, mas com os mesmos personagens. O pedido lembrou Riordan de um projeto de escrita criativa que ele costumava dar a

seus alunos de sexta série: pedia que inventassem um semideus [...] e descrevessem uma jornada ao estilo grego para esse herói. Surgia assim, numa história de pai para filho antes de dormir, Percy Jackson, um herói e semideus, como é de praxe nos mitos gregos, mas também disléxico e portador de TDAH, como Haley. (WIELEWICKI; TADANO FILHO, 2012, p. 2).

No contexto da temática criada pelo escritor há, entretanto, uma explicação para esses traços. Ainda que na contemporaneidade, esses problemas se encaixem no já mencionado “distúrbio comportamental” (BRANDÃO, 1998, p. 53) diretamente relacionado ao tipo característico do herói:

Sua dislexia provinha do conhecimento inconsciente da língua grega, que se interpunha em tudo o que tentava ler; já a hiperatividade era explicada devido à sensibilidade de sentidos que um herói precisa ter, sempre conectado ao ambiente para melhor lutar e se defender. (CORSO, 2009, p. 132).

A presença do intertexto já se inicia pelas primeiras concepções de Percy. Riordan via necessidade de acrescentar atrativos aos mitos, mesmo porque seria um tanto quanto complicada a elaboração de um ser que ainda permanecesse nas eras mitológicas e que contivesse traços inovadores. Unindo o primitivo à atualidade, a coletânea instiga leitores e estudiosos: a mitologia resiste?

Todo o conjunto característico de uma das primeiras criações de Riordan a faz adquirir o rótulo de literatura de massa. Entretanto, reflitamos: a mitologia, desde seus primórdios, vem a ser um tipo de conhecimento popular. Tão abrangente se tornou, que interferiu no âmbito social, psicológico, filosófico e religioso da época durante a qual se manteve fervorosa. Podemos considerar que a cultura mitológica não deixa de ser um legado de massas. A diferenciação se encontra no estudo aprofundado que ela oportuniza. O criador de Percy Jackson, porém, tem a intenção principal de estimular o imaginário infanto-juvenil, de modo que a busca pelos elementos mitológicos seja consequência desse processo.

Dessa forma, compreendemos que a essência do mito, em suas múltiplas possibilidades de análise, não tem prioridade naquilo que se volta ao público jovem. Entretanto, o perfil de herói, atribuído a um adolescente dos dias de hoje, tem valor por conta da metáfora que se estabelece entre personagem e leitor: “Os livros de Riordan fazem sucesso entre aqueles que, assim como seu herói, estão saindo da infância, época de começar a arrumar as malas, inventariando o que se dispõe para seguir adiante” (CORSO, 2009, p. 131).

Percy, de início, não sabe que suas características alheias aos padrões de normalidade o transformam em herói. Campbell define o que antecede as descobertas e feitos da personagem heroica: “A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi



usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais [...] permitidas aos membros da sociedade” (1990, p. 131). Tendo ciência sobre o que acontece com o protagonista, permeemos com fantasia o que afirma o estudioso. Assim chegamos à essência da saga.

Segundo Rodrigues, “os autores [de textos fantásticos] se entregam às múltiplas possibilidades de combinação de ações e aos detalhes que lhes oferece a realidade” (1988, p. 15). Nesse caso, a realidade que serve de base tem uma grande relação com a problemática comum da transição entre infância e idade adulta. Além de enfrentar problemas comuns aos filhos de pais separados, Percy está inserido em diversas abordagens relativas ao universo adolescente. Podemos destacar a preocupação em se mostrar forte e capaz; a sensação constante de dúvida; a impulsividade e a dificuldade de adaptação a novas condições de sobrevivência. Além disso, Riordan elabora o retrato de um garoto ao mesmo tempo inseguro, sentimental e necessitado de proteger aqueles por quem sente apreço, como podemos perceber no trecho a seguir:

A única coisa boa que lhe aconteceu [a Sally Jackson] foi conhecer meu pai. Não tenho nenhuma lembrança dele, apenas essa espécie de sensação calorosa, talvez o mais leve resquício de seu sorriso. Minha mãe não gosta de falar sobre ele porque isso a deixa triste. Ela não tem fotografias. [...] Ela vivia de trabalhos esporádicos, estudava à noite para tirar o diploma de ensino médio e me criou sozinha. Nunca se queixava ou ficava zangada. Nem uma só vez. Mas eu sabia que não era uma criança fácil. (RIORDAN, 2009, p. 38).

No que diz respeito às origens de seu pai, Percy acredita na versão de Sally, criada para que o filho não se assustasse, nem desvendasse o mistério antes do tempo que lhe seria adequado. No caminho para Long Island, o jovem derrota o primeiro monstro mitológico que aparece em sua jornada. O Minotauro surge para colocá-lo à prova e, antes de se dar por vencido, entrega a mãe do menino a Hades. Após esse episódio, o garoto acorda nas dependências do Acampamento Meio-Sangue, onde, ao término do “jogo de capturar a bandeira”, finalmente descobre a identidade de seu genitor:

Alguns dos campistas sufocaram um grito.  
 – Olhem, eu... Eu não sei por quê – falei, tentando me desculpar. – Sinto muito. Mas eles não estavam olhando minhas feridas cicatrizarem. Olhavam para algo acima da minha cabeça.  
 – Percy – disse Annabeth apontando. – Ahn...  
 Quando olhei para cima, o sinal já estava desaparecendo, mas ainda pude distinguir o holograma de luz verde, girando e cintilando. Uma lança de três pontas: um tridente.  
 – Seu pai – murmurou Annabeth. – Isso realmente não é bom.

- Está determinado – anunciou Quíron. Por toda a minha volta, os campistas começaram a se ajoelhar, até mesmo o chalé de Ares, embora não parecessem muito felizes com isso.
- Meu pai? – perguntei, completamente perplexo.
- Poseidon – disse Quíron. – Senhor dos Terremotos. Portador das Tempestades. Pai dos Cavalos. Salve, Perseu Jackson, Filho do Deus do Mar.<sup>18</sup>

O Acampamento é o local correspondente à formação iniciática dos heróis. Sua denominação “Meio-Sangue” se deve à genealogia dos que lá habitam. Todos têm em comum a descendência divina e humana, o que resulta uma série de características semelhantes entre todos, onde se destaca o heroísmo por excelência. Disléxicos e dotados de habilidades incomuns, são, também, todos adolescentes. Os campistas são distribuídos em chalés, sendo cada qual dedicado a um dos deuses maiores<sup>19</sup> do Olimpo, e aos descendentes de suas relações com humanos.

O papel do centauro Quíron, personagem de grande importância em todos os volumes da série, é o mesmo que lhe é atribuído nas origens mitológicas. É ele quem assume a coordenação do Acampamento Meio-Sangue, sendo também responsável pelos exercícios de treinamento que diariamente são ministrados. Parafraseando Homero, Brandão define o Quíron mitológico do seguinte modo: “O educador modelo foi o pacífico Quirão [sic], *o mais justo dos centauros*. [...] Muitos heróis passaram por suas mãos sábias” (1998, p. 26).

O trecho que apresenta a reclamação de Poseidon a seu filho mostra a primeira vez em que a verdadeira identidade de Percy é revelada em *O ladrão de raios*. O garoto raramente é chamado de Perseu no decorrer de sua história, salvo em determinados encontros com seu pai, ou mesmo diante de inimigos. Não há vínculos com o filho de Zeus: “Percy [somente] traz as características do herói corajoso e capaz, como o Perseu da mitologia. Ele encontra as parcas e derrota a Medusa, como no original” (MORAES, 2013).

Monstros e inimigos são como consequências adversas para a vida de um semideus. Não é possível evitá-los, apenas saber como identificá-los e abatê-los nas situações em que se torne necessário. Quanto maior for a experiência de um semideus em seus ataques, maior será a sua capacidade de detectar criaturas perigosas em seus disfarces. Brandão ressalta o papel desses seres nos ritos de iniciação de um herói, fazendo referência a eles como “forças fabulosas”:

<sup>18</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>19</sup> Zeus, Hera, Poseidon, Atena, Ares, Ártemis, Afrodite, Hermes, Hefesto, Apolo, Deméter e Dioniso. Alguns dos chalés não possuem habitantes no Acampamento, assim como Dioniso não possui chalé. Na série, o deus do vinho sofre uma penalização de várias décadas, por ter revelado segredos de outros deuses.

O herói inicia suas aventuras, a partir de proezas comuns num mundo de todos os dias, até chegar a uma região de prodígios sobrenaturais, onde se defronta com forças fabulosas e acaba por conseguir um triunfo decisivo. (BRANDÃO, 1998, p. 23).

Percy adquire essa habilidade ao longo de sua trajetória, durante a qual incorpora os feitos de diversas personagens heroicas da mitologia grega. Além de Perseu, encontramos trechos onde imita Ulisses, quando tenta destruir o gigante Polifemo, a fim de capturar o velocino de ouro<sup>20</sup>; Belerofonte, ao derrotar Quimera<sup>21</sup>, e vários dos trabalhos de Hércules, encontrados em todos os volumes da saga. Podemos destacar o leão de Nemeia, em *A maldição do titã*; a chegada ao jardim das Hespérides, no mesmo livro; a limpeza dos estábulos, em *A batalha do labirinto*; a hidra de Lerna, em *O mar de monstros*; as aves de Estinfália, no mesmo segundo volume, e os bois de Gerión, novamente em *A batalha do labirinto*.

Por ser destinado a uma faixa etária específica, o conjunto de livros não traz um herói que cumpra todas as etapas do ciclo comum a esse tipo de personagem. A consagração de Percy Jackson se dá pela sucessão de desafios enfrentados, cujo êxito só é possível por conta da parcela divina de suas origens. O mesmo ocorre a Annabeth que, abençoada pela sabedoria materna, acompanha o filho de Poseidon em parte predominante da trajetória.

Aparecem, ainda, em *A maldição do titã*, terceiro volume da série, Thalia Grace, descendente de Zeus e Zoë Doce-Amarga. Componentes do grupo de caçadoras servas de Ártemis, passam a admitir caráter heroico enquanto aparecem na narrativa: “As [...] semideusas são impulsionadas a agir como heróis e ambas possuem destreza, força e objetos mágicos auxiliares para tanto” (MORAIS; RAMOS, 2014, p. 24). Em um trecho do livro, temos a comprovação do que aparece em situações semelhantes no transcorrer do mesmo:

O movimento de Annabeth foi brilhante. Usando seu boné de invisibilidade, ela atingiu os di Angelos e a mim, atirando-nos ao chão. Por uma fração de segundos, o Dr. Espinheiro, pego de surpresa, ficou desorientado, assim sua primeira saraivada de mísseis zuniu inofensiva acima de nossas cabeças. Isso deu a Thalia e a Grover a chance de avançar por trás – Thalia brandindo seu escudo mágico, Aegis. Se você nunca viu Thalia entrando em uma batalha, nunca sentiu medo de verdade. Ela usa uma lança imensa, que se expande de uma lata de spray paralisante que carrega no bolso, mas essa não é a parte assustadora. Seu escudo foi modelado a partir de um que seu pai, Zeus, usa – também chamado Aegis –, um presente de Atena. O escudo tem a cabeça de Medusa moldada no bronze, e, embora não possa transformá-lo em pedra, é tão horrível que a maioria das pessoas entra em pânico e corre à sua visão. (RIORDAN, 2009, p. 33-34).

<sup>20</sup> Cf. RIORDAN, 2009, p. 223.

<sup>21</sup> Cf. RIORDAN, 2009, p. 216.

Devemos chamar a atenção para a centralização da obra na personagem masculina. Temos, assim, mais um traço adequado ao intertexto que marca a escrita de Riordan. Costa (apud MORAIS, 2014, p. 25) observa que “o gênero feminino na cultura grega sempre foi relegado ao segundo plano, como se fosse uma deformação do gênero masculino.” O autor, no entanto, não apresenta essa visão unilateral. Annabeth aparece quase integralmente a fim de que seja estabelecida identificação com leitores de ambos os sexos. A garota não ocupa um papel secundário, da mesma forma que não é a personagem central. Além disso, o reconhecimento dos seus atos heroicos não se repete tantas vezes, em comparação ao que ocorre com Percy.

Entre as personagens principais, percebemos, de forma bastante sutil, o despertar de uma paixão, ainda que quase inconsciente. Contudo, o ponto inicial de uma relação amorosa só se dá em tempo próximo ao desfecho da trama:

– Eu nunca, mas nunca vou tornar as coisas fáceis para você, Cabeça de Alga. Acostume-se a isso.  
Quando ela me beijou, tive a impressão de que meu cérebro estava se derretendo e escorrendo para o corpo.  
Eu poderia ter ficado assim para sempre, mas uma voz às nossas costas resmungou:  
– Já não era sem tempo!  
[...]  
– Os pombinhos precisam se refrescar! – disse Clarisse, com alegria.  
[...] Eles nos carregaram morro abaixo, mas nos mantiveram perto o suficiente para que ficássemos de mãos dadas. Annabeth ria, e e não pude deixar de rir também, embora meu rosto estivesse completamente vermelho.  
Ficamos de mãos dadas até o momento em que nos despejaram na água.  
Depois, quem riu por último fui eu. Criei uma bolha de ar no fundo do lago. Nossos amigos ficaram esperando que subíssemos, mas... Ei, quando você é filho de Poseidon, não precisa se apressar.  
E aquele foi, sem dúvida, o melhor beijo subaquático de todos os tempos. (RIORDAN, 2010, p. 376).

Há ausência de grandes demonstrações afetivas na narrativa, provavelmente para que o texto não se desprenda do caráter heroico-fantástico, correndo o risco de transformar em um romance juvenil. A fim de contextualizar o texto com as descobertas da adolescência, o trecho citado representa o “rito nupcial”<sup>22</sup> presente nos mitos heroicos originais.

O destino de Percy e de Annabeth é uma incógnita. O foco da obra se encontra em sua juventude marcada pelos poderes heroicos diante dos perigos geralmente enfrentados pelos que possuem essa condição. A personagem feminina torna a aparecer em *Heróis do Olimpo*, saga posterior a *Percy Jackson e os olímpianos*. Todavia, essa nova coletânea traz um contexto que não serve como sequência à obra aqui relatada.

---

<sup>22</sup> Cf. BRANDÃO, 1998, p. 84

### 3.1 O herói massificado

Uma obra produzida para o público adolescente, em sua linguagem pouco elaborada e composição descomplicada, geralmente recebe o rótulo de literatura de massa. Há uma compilação bastante ampla de autores e títulos encaixados a essa categoria, que costuma gerar discordâncias no âmbito da crítica literária. Tavela (2010, p. 3) aponta, ainda, a má aceitação desses escritos no meio acadêmico: “As obras reconhecidas pelas academias e críticos pertencem à literatura culta. Já a literatura de massa é considerada, muitas vezes, uma subliteratura, uma literatura marginal, uma paraliteratura.”

Havemos de considerar a complexidade de um herói mitológico, em sua legítima forma. Mesmo a contemporaneidade, são contínuos os estudos a respeito dessa figura, não somente como personagem literário, mas também pela maneira como possibilita a metáfora associada à vida de quem o descobre por meio dos livros. Contudo, a intenção de Riordan ao lançar sua primeira série juvenil, não é promover uma análise crítica ou reflexiva do arquétipo heroico. O autor pretende, sim, fazer de seu trabalho um atrativo para o jovem atual, sem oferecer um passatempo desprovido de conteúdo.

Podemos abordar o entretenimento como aspecto relacionado à série, afinal, esse é um dos principais propósitos da literatura tida como comercial. Ela é mais voltada ao lazer do que à construção do pensamento inquiridor. Porém, isso não é suficiente para que seu papel na formação leitora seja descartado. Tavela cita Paes<sup>23</sup> para afirmar que essa subdivisão literária considerada baixa “adquire o sentido de degrau de acesso a um patamar mais alto onde o entretenimento não se esgota em si, mas traz consigo um alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo.”

Salientamos que há uma padronização nem sempre adequada na forma como os livros literários, em geral, são abordados em sala de aula. Nesse caso, falamos de obras-primas, geralmente clássicos nacionais e estrangeiros, que são “canonizados” por inúmeras gerações de estudiosos do ramo. O erro não se encontra no uso dessas obras, mas sim na maneira como são introduzidas:

[Há] uma prática voltada ao ensino da periodização literária, marcada pela memorização de datas e características dos respectivos movimentos que formam a história da produção da literatura [...]. É inegável que os aspectos de formação da cultura [...] sejam importantes, mas seriam eles suficientes para que se possa desenvolver no aluno o gosto pela leitura literária? (ROCHA, 2014, p. 2).

---

<sup>23</sup> Ibidem, p. 5.

Com base nessa constatação, podemos falar de *Percy Jackson e os olímpianos* como um escape da obrigatoriedade. Uma publicação que trouxesse a mitologia grega em um discurso voltado à história e à teoria, ou mesmo que narrasse os mitos em uma linguagem mais estilizada, provavelmente surtiria efeito oposto ao interesse dos jovens leitores.

Percy Jackson não é o Perseu mitológico em seu apogeu distante da humanidade comum. Seu criador traz um herói próximo à realidade. A personagem não carrega uma problemática exclusiva de seu perfil heroico. Afinal, há um grande número de crianças de descendência totalmente humana, também disléxicas e possuidoras de déficit de atenção. A diferença está na maneira como as anormalidades se apresentam. Na criação de Riordan, o cérebro de um semideus está programado somente para a leitura em grego, o que, conseqüentemente, dificulta a compreensão escrita de outros idiomas. Com isso, ele efetivamente transforma o problema em um diferencial positivo. Há, também, por parte do protagonista, bondade e preocupação com aqueles que o cercam e que o apoiaram em sua jornada.

A maneira como Percy se desenvolve, tanto no sentido heroico quanto pessoal, é um dos fatores responsáveis pela atenção que parte de seus leitores. Porém, ainda nos resta a tão discutida dualidade debatida pela academia e pela crítica: temos ou não algo que pode ser considerado **literatura** como objeto de estudo? Abreu (apud QUADROS, 2014, p. 421) estabelece a comparação entre obras como as de Riordan e publicações consideradas ícones literários:

O que torna um texto literário não são suas características internas, mas o espaço que lhe é destinado pela crítica, e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos. Ou seja, o que é ou não literatura não é feito mais pelos elementos internos da obra, mas pela crítica e pelas instâncias legitimadoras e a escola que produz ou reproduz o discurso dessas instâncias.

*Percy Jackson e os olímpianos* é visto como um exemplo de obra padronizada pelos parâmetros de vendagem do mercado literário e isso a transforma em um título não recomendado para a construção do conhecimento. Todavia, para despertar o potencial leitor de um jovem, é necessário começar por um contexto que o torne encorajado a explorar novos mundos. O apoio dos livros que trazem imagens e linguagens contemporâneas é de grande valor ao adolescente. Diariamente, os pós-infantes creem incorporar os heróis de suas próprias rotinas, em meio às descobertas conseqüentes de sua transição. Constatamos, com isso, que é de real importância a utilização das publicações de massa, de modo que não sejam colocadas em um baixo nível de contribuição ao seu público.

Enquanto a escola fechar as portas para as leituras de entretenimento, mais livres de reflexões profundas e que estimula o gosto pela literatura, ela estará fechando as portas para que mais tarde os adolescentes deem saltos mais longes e precisos. (SOUZA, 2014, p. 7).

O fantástico e o heroico funcionam como impulso para esses saltos e isso independe das estratégias comerciais que, não raro, são aplicadas sobre versões repaginadas dessas tendências literárias.

## 4 CONCLUSÃO

A realização deste trabalho implicou, sobretudo, a imersão em uma temática sobre a qual nutríamos apenas curiosidade. Tendo sido abordada brevemente durante as aulas de literatura clássica, a mitologia grega se tornou componente de nosso rol de interesses, porém nunca de forma prioritária. A leitura de uma obra juvenil possibilitou amplo estudo a respeito dos mitos, que, em sua origem, formam a base para os escritos contemporâneos.

Um herói vai além das características aplicáveis a uma personagem. Mesmo porque heróis nem sempre são fictícios ou mitológicos. Com o conhecimento adquirido a respeito dessa figura, obtivemos a comprovação de que a humanidade conta com inúmeros heróis e heroínas, sendo muitos deles perdidos em seu anonimato. Infância conturbada, anomalias, sofrimento, provações e a luta diária em prol de algo que possa beneficiar e orgulhar aqueles a quem estima não são somente meras coincidências com a realidade de uma maioria. Sabemos, ainda, que o reconhecimento de seus esforços é parelho ao fim da vida, e, em certos casos, pouco tempo é necessário para que se torne apenas memória fugaz.

Podemos, assim, considerar bastante justo o arquétipo de herói. A problemática pode variar, de acordo com condições ou fases da vida. No entanto, a sensação heroica nos acompanha diante da superação de cada dificuldade, ainda que pareça branda. Esse pode ser o retrato de um adulto que luta para manter sua família em condições favoráveis, ou de um adolescente que vive as confusões de um estágio intermediário de sua vida. A leitura é uma alternativa para a fuga dos problemas, mas se torna mais interessante quando há identificação. Foi essa uma das principais intenções de Rick Riordan ao elaborar Percy Jackson: um adolescente pode, também, ser o herói da própria história.

A ideia da produção de cultura inútil – tanto no que se refere ao meio literário quanto à mídia em geral – como principal forma de entretenimento aos adolescentes é algo bastante relativo. A maneira como determinadas temáticas são abordadas pode acentuar ou abrandar o caráter de inutilidade geralmente atribuído à literatura de massa. Riordan funde o fantástico, o contemporâneo e o mitológico. Essa mistura permeia uma publicação produzida em conformidade com as estratégias comerciais, sem deixar de possibilitar o acesso a conhecimentos mais sólidos. É claro que a literatura de mercado tem seu foco no entretenimento. Todavia, é possível estabelecer um elo entre “diversão” e estímulo à pesquisa, como acontece em *Percy Jackson e os olímpianos*. A massificação, nesse caso, tem sua importância devida ao fato de adolescentes se sentirem motivados em relação ao que é aprovado por outras pessoas de sua faixa etária. Assim, concluímos que a popularização de



um tema por meio da literatura de mercado é válida, bem como o uso da personagem heroica. Cada qual em suas instâncias, enfrentando monstros, obstáculos e críticas, age em benefício de uma causa maior.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 3.
- BRISOLARA, O. L. Estudo dos heróis na mitologia grega. *Blog Oscar Brisolara*, Rio Grande, out. 2014. Disponível em: <<http://oscarbrisolara.blogspot.in/2014/10/com-pitagoras-estudo-dos-herois.html?m=1>>. Acesso em: 08 out. 2015.
- BULFINCH, T. *O livro de ouro da mitologia*. Tradução de David Jardim. 34. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CAMPBELL, J.; MOYERS, B. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. 27. ed. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. *Psicanálise na terra do nunca*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HOLANDA, A. B. de. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2012.
- KOTHE, F. R. *O herói*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987. v. 24. (Série Princípios).
- LEITE, Isabela Fernandes Soares. *Criação, hýbris e transgressão na mitologia heroica*. 2009. 14 f. Artigo acadêmico (Departamento de Ciências Humanas – Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.ijpr.org.br/doc/monografias/Trabalho%20de%20%20Isabela%20Fernandes%20-%20Cria%C3%A7%C3%A3o,%20H%C3%BDbris%20e%20Transgress%C3%A3o%20na%20Mitologia%20Her%C3%B3ica.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.
- MARTÍNEZ, C. F. et al. *Dicionário de mitologia clássica*. Tradução de Ana Patrão, Miguel Ribeiro de Almeida e Tereza Rebelo da Silva. Lisboa: Editorial Presença, 1997.
- MORAES, M. F. A saga de Percy Jackson: do enredo à mitologia original. *Saraiva conteúdo*, São Paulo, mar. 2013. Disponível em: <<http://saraivaconteudocombr/Materias/Post/50288>>. Acesso em: 15 jun. 2015.
- MORAIS, G. A. de; RAMOS, M. C. T. A construção do herói feminino na série “Percy Jackson e os olímpianos”, de Rick Riordan. *Revista Olho D'Água*, São José do Rio Preto, v. 2, n. 6, p. 22-31, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/264/242>>. Acesso em: 18 nov. 2015.
- OLIVEIRA, R. S. O mito heroico: compreendendo as múltiplas variáveis na construção da imagem do herói. *Templo do conhecimento*, Goiânia, 2010. Disponível em: <<http://templodoconhecimento.com/site/?p=428>>. Acesso em: 06 out. 2015.

RIORDAN, R. *O ladrão de raios*. Tradução de Ricardo Gouveia. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009. v. 1. (Série Percy Jackson e os olímpianos).

\_\_\_\_\_. *A maldição do titã*. Tradução de Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009. v. 3. (Série Percy Jackson e os olímpianos).

\_\_\_\_\_. *O último olímpiano*. Tradução de Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010. v. 5. (Série Percy Jackson e os olímpianos).

ROCHA, E. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1996. v. 151. (Série Primeiros Passos).

ROCHA, Flávio Amorim da. *Cultura de massa na escola: uma proposta de letramento literário*. 2014. 7 f. Artigo acadêmico (Instituto de Letras e Linguística – Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <<http://ileel.ufu.br/anaisdoielp/wp-content/uploads/2014/11/615.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

RODRIGUES, S. C. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988. v. 132. (Série Princípios).

SOUZA, Danilo Sampaio de. *A influência da literatura de massa na formação do leitor adolescente*. 2014. 8 f. Artigo de apresentação em congresso (Departamento de Letras – Graduação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/trabalhos/trabalhos/s5/danilosouza.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

TAVELA, M. C. Literatura de massa na formação do leitor literário. *Revista eletrônica Darandina*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 1-9, dez. 2010. Disponível em: <<http://ufjf.br/darandina/files/2010/12/16-literatura-de-massa-na-formação-do-leitor-literário.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

WIELEWICKI, V. H. G.; TADANO FILHO, M. TDAH e dislexia em Percy Jackson. *Revista Eletrônica Darandina*, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 1-17, dez. 2012. Disponível em: <[http://ufjfbr/darandina/files/2012/12/artigo\\_VeraHelena-MacaoTadanopdf](http://ufjfbr/darandina/files/2012/12/artigo_VeraHelena-MacaoTadanopdf)>. Acesso em: 14 ago. 2015.